

**DESCONFIGURAÇÃO: DO DESCARTE A SATURAÇÃO.**

**DISCONFIGURATION: FROM DISCARD TO SATURATION**

Aline Batista Barbosa <sup>1</sup>  
UFSM

**Indique com sim ou não**  
Associado/a/e ANPAP: não

Karine Perez<sup>2</sup>  
UFSM

**Indique com sim ou não**  
Associado/a/e ANPAP: sim

**RESUMO**

A pesquisa Fármaco/Pictórico desenvolvida por Aline Batista Barbosa e orientada por Karine Perez, explorou o uso de medicamentos descartados como inspiração artística. Realizado no período de COVID-19 e finalizado em 2023 dentro do LAPICTO, o estudo ressignificou cartelas e bulas, destacando seu potencial estético e cromático. Essa abordagem envolveu a coleta e análise desses materiais para criação pictórica, gerando uma reflexão sobre o consumo excessivo de fármacos no Brasil e seu descarte inadequado, inspirada nas ideias de filósofos como Walter Benjamin e Jean Baudrillard. Essa temática inicial serve agora como base para uma nova pesquisa em desenvolvimento, que utiliza a repetição como elemento central na criação de trabalhos artísticos, incorporando as cores da bandeira brasileira em novas obras. Tais criações aludem a eventos como as enchentes de 2024, conectando o efêmero às realidades sociais e ambientais do país.

**Palavras-Chave:** Objetos. Descarte. Remédios. Repetição.

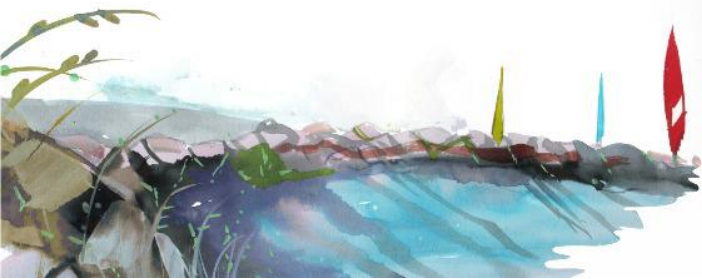
**ABSTRACT**

*The "Pharmaco/Pictorial" research project, developed by Aline Batista Barbosa and supervised by Karine Perez, explored the use of discarded medications as artistic inspiration.*

---

<sup>1</sup>Bacharel em Artes visuais (UFSM) e graduanda em Licenciatura em Artes Visuais. Participante do GPICITO (CNPQ). Investiga os seguintes temas: arte contemporânea, processos de criação artística, hibridismo e subjetividade. Lattes ID: [https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=F2E69E157F2F23778633780924A38195#](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=F2E69E157F2F23778633780924A38195#)

<sup>2</sup> Professora no PPGART/UFSM e no Departamento de Artes Visuais, CAL/UFSM. Líder do GPICITO – Grupo de Pesquisa Processos Pictóricos (CNPQ/UFSM). Doutora em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS, com período sanduíche na Universitat Politècnica de València (Espanha), pelo PDSE/CAPES. Mestre em Artes Visuais pelo PPGART/UFSM. Graduada em Desenho e Plástica - Bacharelado e Licenciatura Plena pela UFSM. E-mail: karine.g.perez-vieira@ufsm.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9501215584535818>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0500-544X>.



*Conducted during the COVID-19 pandemic and completed in 2023 within LAPICTO, the study reinterpreted blisters and package inserts, highlighting their aesthetic and chromatic potential. This approach involved collecting and analyzing these materials for pictorial creation, generating a reflection on the excessive consumption of pharmaceuticals in Brazil and their improper disposal, inspired by the ideas of philosophers such as Walter Benjamin and Jean Baudrillard. This initial theme now serves as the basis for a new research project under development, which uses repetition as a central element in the creation of artistic works, incorporating the colors of the Brazilian flag into new works. These creations allude to events such as the 2024 floods, connecting the ephemeral to the country's social and environmental realities.*

**KEYWORDS:** *Object. Discard. Medicines. Repetition.*

## Introdução

A série de trabalhos “Fármaco/Pictórico” originou-se de uma pesquisa realizada pela discente Aline Batista Barbosa, como trabalho final de graduação, no Curso de Artes Visuais da UFSM, sendo orientado pela docente Karine Perez, durante a pandemia de COVID-19 e finalizada após o seu término no início de 2023 (BARBOSA, 2023). Consistiu em investigar o uso de objetos comuns (medicamentos, cartelas, caixas e bulas) na criação pictórica, tendo como temática o estudo de fármacos (Imagens 1 e 2), evidenciando o poder transformador do artista sobre o que ele considera interessante e com potencial para se tornar uma obra artística. A proposta não era apenas dar um novo destino a materiais frequentemente descartados, mas também destacar a alarmante realidade de sua dispersão no meio ambiente.

A metodologia incluiu a coleta e a análise de objetos comuns, como cartelas, caixas e comprimidos de remédios vencidos, utilizados como referência para a criação em pintura. Percebeu-se um grande potencial cromático e estético a ser explorado nesses pequenos objetos e a possibilidade de reconfigurar, por meio da arte, sua função inicial – primeiramente destinada à proteção dos medicamentos (no caso das cartelas e caixas), à cura (no caso dos próprios medicamentos) e ao descarte (comprimidos quando vencem a data de validade ou cartelas e caixas após o consumo dos comprimidos). Esses materiais revelaram não apenas um grande consumo de medicamentos, mas também inspiraram uma reflexão sobre o impacto desse consumo, pois nesta pesquisa foram coletados remédios de apenas quatro familiares,



mas passou-se a pensar qual seria o impacto que a pesquisa teria se a coleta fosse ampliada, envolvendo um número maior de pessoas.

É importante ressaltar que a alta prevalência da automedicação no Brasil representa um desafio de saúde pública, sendo o país o maior consumidor de medicamentos na América Latina, o que sugere uma falha na rigidez de acesso a esses produtos. Por esse motivo, julga-se que uma investigação com uma quantidade maior de dados poderia ser bastante expressiva.

A filósofa e artista Hélène Cixous (1975) destaca que "a arte é a única maneira de sair da prisão das palavras", sugerindo que os trabalhos artísticos podem ser um meio de transcender a limitação do discurso e abordar questões críticas que permeiam a sociedade. Isso se alinha à problemática dos medicamentos, tanto em seu uso em momentos cruciais, quanto no modo excessivo como são utilizados, e também ao dilema em torno da questão do descarte inadequado desses itens efêmeros. Os danos de ambas as questões são notoriamente analisados por pesquisadores tanto da área da saúde quanto da área científica e ambiental. Esse convite à reflexão ressoa com o pensamento de Walter Benjamin (1985), que argumenta que "a arte é a experiência da coletividade". Sendo assim, esta pesquisa que inicialmente tinha como objetivo a ressignificação de objetos comuns do cotidiano destinados ao descarte, buscou destacá-los em cada trabalho da série de pinturas e impressões realizadas entre 2020 e 2023.



Imagem 1. Aline Batista. Sem título. Acrílica sobre tela. 15cm x 15cm. 2023.

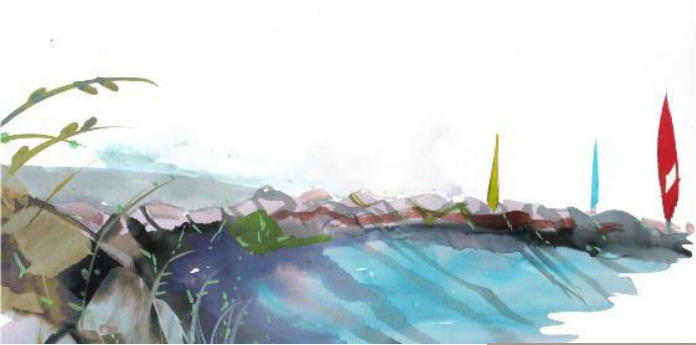
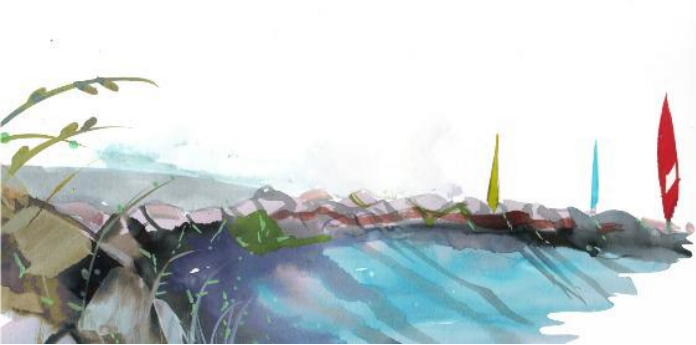


Imagem 2. Aline Batista. Sem título. Acrílica sobre papel offset. 12cm x 12cm. 2023.

## Repetições Atuais

Buscando reconfigurar a percepção do medicamento e seu destino final, na pesquisa atual, foi abstraída sua imagem em sua totalidade, o que impulsionou a atual pesquisa, “Desconfiguração: do descarte à saturação”, com o intuito de oferecer uma nova compreensão deste objeto, transcendendo sua forma original e apresentando uma perspectiva mais fluida. Essa abordagem vai ao encontro das ideias de artistas contemporâneos, como Olafur Eliasson e seu uso de materiais efêmeros, que desafiam o espectador a repensar a natureza das coisas e suas interações com o ambiente externo. Ao reinterpretar a imagem do medicamento, não apenas procura-se desestabilizar sua representação convencional, mas também abrir espaço para novas narrativas e interpretações que refletem a complexidade de sua presença na sociedade.

A repetitividade na arte é um conceito central em movimentos como a Pop Art e a Arte Conceitual, e desempenha um papel fundamental nessa nova prática adotada. A repetição de formas e imagens não apenas evidencia a produção massiva de



medicamentos, mas também questiona a singularidade da obra de arte. Cada série de desenhos e pinturas repetidas (Imagens 3, 4 e 5) não é meramente uma cópia; é uma oportunidade de explorar variações sutis que possam evocar diferentes interpretações e significados. Essa prática remete à ideia de que a repetição pode ser um meio de aprofundar a reflexão, permitindo que o espectador se engaje de forma mais crítica com o objeto representado. Ao empregar a repetitividade no trabalho, também procura-se gerar um diálogo entre a produção artística e a produção industrial, enfatizando a relação intrínseca entre consumo, descarte e o impacto ambiental.

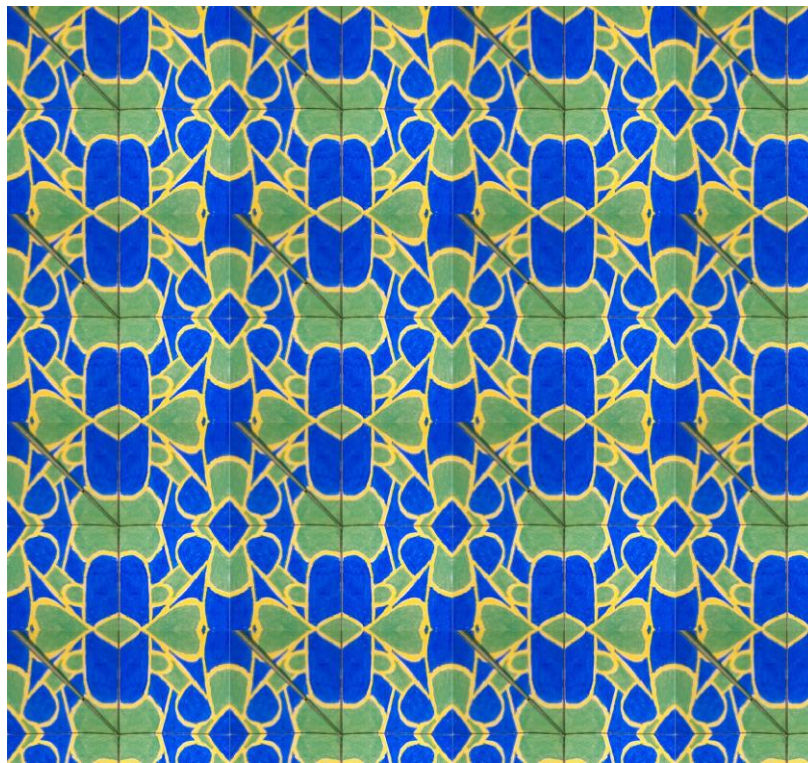


Imagem 3. Aline Batista. Sem título. Giz pastel oleoso sobre papel. Repetição Digital. 1905x2048. 2025.

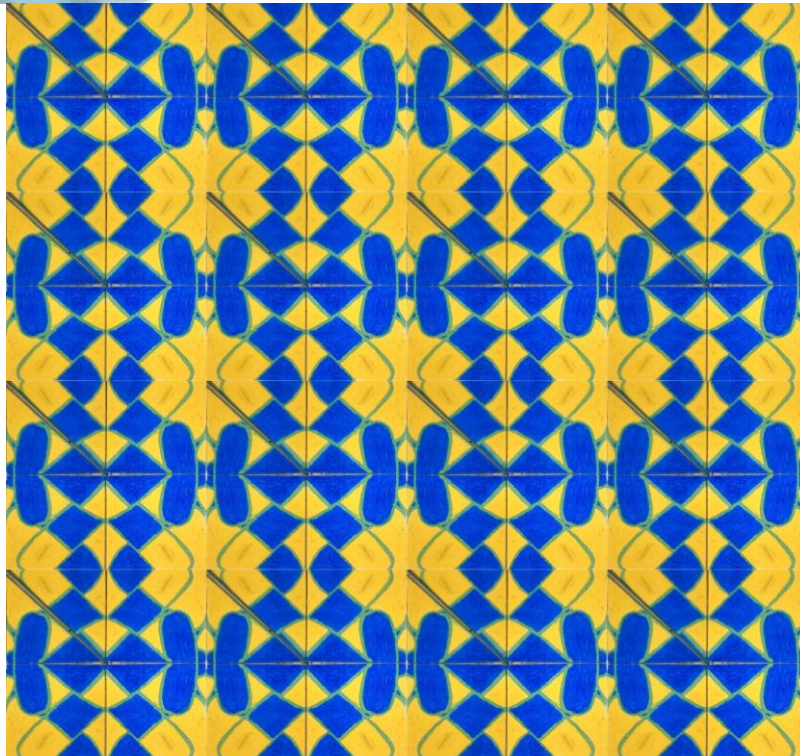


Imagem 4: Aline Batista. Giz pastel oleoso sobre papel. Repetição Digital. 1846 x 1984. 2025.

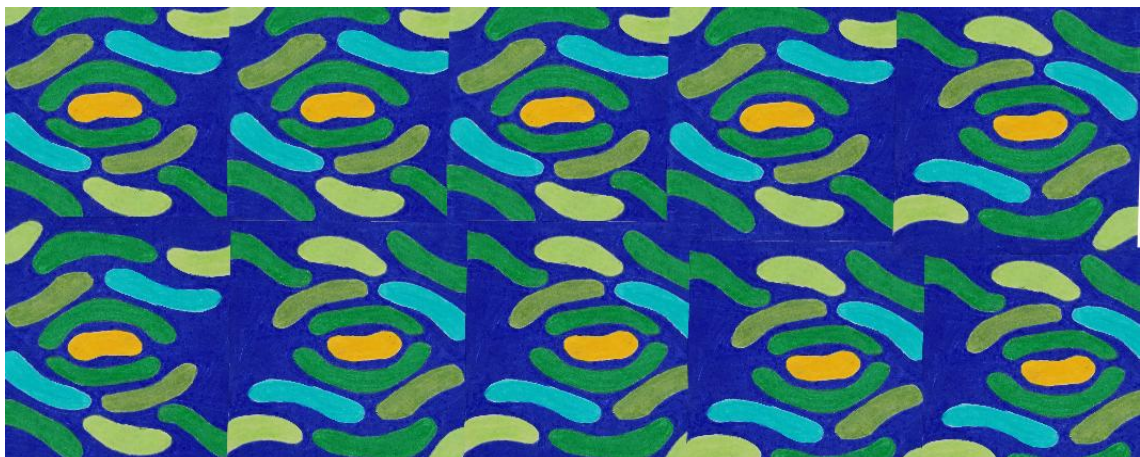
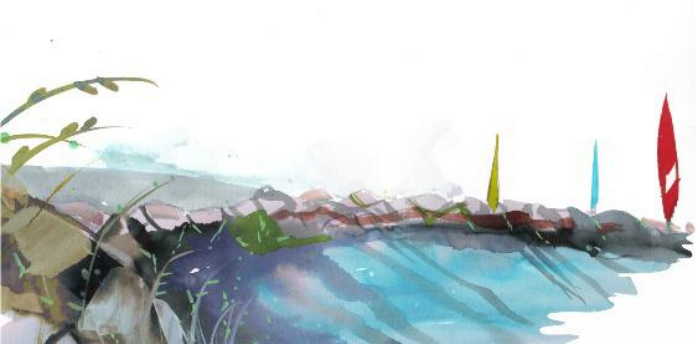


Imagem 5: Aline Batista. Sem título. Lápis de cor super. Repetição Digital. 418x1063. 2025.

## Bases Metodológicas

A repetição, um dos elementos centrais na produção industrial que busca padronização e eficiência através da replicação em massa, contrasta fundamentalmente com o conceito de aura na produção artística tradicional, como analisado por Walter Benjamin (1985) em sua obra "A Obra de Arte na Era de Sua



Reprodutibilidade Técnica". Benjamin argumenta que, embora a arte sempre tenha sido passível de imitação, a reprodução técnica moderna revolucionou esse processo, permitindo uma multiplicação de cópias em larga escala. Essa facilidade de replicação, por sua vez, desvincula a obra de arte de sua unicidade e de sua ligação com o ritual e a tradição, desgastando a "aura" que emanava de sua presença original no tempo e no espaço. Assim, a repetição na arte industrializada, em vez de meramente replicar, transforma a natureza da própria experiência artística, abrindo novas possibilidades para sua recepção e função social.

Essa estratégia não só destaca a onipresença dos medicamentos em nossas vidas, mas também provoca uma conscientização sobre as práticas de consumo que muitas vezes são invisíveis ou ignoradas. Assim, essa pesquisa não se limita a ressignificar a imagem dos medicamentos, mas se torna um meio de fomentar uma discussão mais ampla sobre a responsabilidade individual e coletiva em relação aos materiais que usamos e descartamos, contribuindo para uma visão mais crítica e reflexiva da realidade contemporânea.

No contexto atual, ao aprofundar a temática por meio de séries de desenhos e pinturas repetidas, busca-se então não apenas a captura da forma física desses objetos, mas também evocar suas implicações sociais e ambientais. Cada repetição nas obras serve como um reflexo da abundância e da obsolescência desses produtos, enfatizando sua presença constante no cotidiano e nas narrativas coletivas.

As cores utilizadas são as presentes na bandeira do Brasil, através das quais se procura estabelecer uma conexão simbólica com eventos significativos que moldam a realidade do país, como as enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul em 2024. Essa escolha cromática não é meramente estética; ela carrega um peso emocional e histórico, remetendo a uma série de crises e desafios enfrentados pela população. Com isso, é feito um convite ao espectador a refletir sobre como os medicamentos, enquanto símbolos de cuidado e cura, também estão entrelaçados com as consequências de ações humanas e desastres naturais.



Esse diálogo entre forma, cor e contexto permite uma investigação mais profunda do conceito de efemeridade. O material efêmero que é analisado não se limita a ser descartável; ele representa uma interseção entre momentos de esperança e de desespero. Ao visualizar o resíduo dos medicamentos, tanto em ambientes de cura quanto em cenários de catástrofe, impõem-se uma reflexão sobre a dualidade da experiência humana, onde a fragilidade e a resiliência coexistem. Assim, essa pesquisa não apenas ressignifica a imagem dos medicamentos desconfigurados em repetições, mas também provoca um questionamento sobre o legado que deixamos em nosso entorno, ressaltando a importância de uma consciência crítica e sustentável em relação ao consumo e ao descarte.

Por ter tido como base de pesquisa para a série de trabalhos os remédios, como objetos/itens banais, optou-se por uma base teórica respaldada em filósofos da arte que abordam o mesmo ou semelhante tema. Como Jacqueline Lichtenstein, que destaca a noção do poder metamórfico que a arte possui sobre objetos cotidianos, ao afirmar:

[...] a arte imprime um valor a objetos que em si são insignificantes e que, apesar dessa insignificância, a arte fixa para si mesma transformando-se em seu próprio fim e atraindo a nossa atenção sobre coisas que, sem ela, nos escapariam completamente.[...] Torna perdurável o que, no estado natural, é fugidio e efêmero; [...] (LICHTENSTEIN, 2006, p.109).

A mesma autora ainda aponta o porquê de tais objetos nos atraírem, a tal ponto de os usarmos para um trabalho de arte e a possibilidade transformadora que a arte possui.

[...] Ora, o que nos atrai nesses conteúdos quando representados pela arte é precisamente essa manifestação dos objetos enquanto obras do espírito, que transforma em profundidade o mundo material, exterior e sensível. [...] o que vemos é uma simples superfície, e, no entanto, a impressão que nos provocam se nos encontrássemos perante as suas réplicas reais. (LICHTENSTEIN, 2006, p. 108).

A maneira como o objeto no campo da arte nos afeta vai além do que pensamos ou até mesmo imaginamos. Baudrillard (1993) referia-se a determinados objetos escolhidos por artistas. Ele dizia que esse objeto em si é um símbolo.



[...] e o objeto somente se reveste de valor excepcional na ausência. Não se trata apenas de um efeito resultante da cobiça. É preciso se perguntar se a coleção foi feita para ser completada e se a ausência não desempenha um papel essencial, positivo, aliás, já que a ausência é aquilo pelo qual o indivíduo adquire objetivamente o controle de si: enquanto a presença do objeto final significaria, no fundo, a morte do indivíduo, a ausência deste termo lhe permite apenas desempenhar sua própria morte figurando-a em um objeto, vale dizer, conjurando-a. Esta ausência é vivida como sofrimento, mas é também a ruptura que permite escapar ao arremate da coleção que significaria a elisão definitiva da realidade.[...] (BAUDRILLARD, 1993, p. 100).

Segundo Baudrillard (1993), o objeto só passa a ser considerado “objeto” quando tirado de sua função prática para ser possuído. Tendo então esse objeto duas funções: a de ser utilizado e a de ser possuído.

Estas duas funções acham-se na razão inversa uma da outra. Em última instância, o objeto estritamente prático toma um estatuto social: é a máquina. Ao contrário, o objeto puro, privado de função, torna-se objeto de coleção. Cessa de ser tapete, mesa, bússola ou bibelô para se tornar "objeto". Um "belo objeto", dirá o colecionador, e não uma bela estatueta. Quando o objeto não é mais especificado por sua função, é qualificado pelo indivíduo; mas nesse caso, todos os objetos equivalem-se na posse, essa abstração apaixonada. Um apenas não lhe basta: trata-se sempre de uma sucessão de objetos, em um grau extremo, de uma série total que constitui seu projeto realizado. (BAUDRILLARD, 1993, p. 94).

## **Considerações Finais**

A pesquisa “Fármaco/Pictórico”, gestada no contexto da pandemia, transcende a simples criação artística para se configurar como um poderoso convite à reflexão. Ao ressignificar objetos cotidianos como medicamentos, cartelas e bulas, a pesquisa não apenas explorou o potencial estético e cromático desses itens, mas também lançou luz sobre o alarmante descarte inadequado de fármacos e a cultura da automedicação no Brasil. Inspirada pelas ideias de Hélène Cixous e Walter Benjamin como bases teóricas, a nova pesquisa “Desconfiguração: do descarte à saturação”, com a repetição como estratégia, é produzida não apenas para questionar a singularidade da obra de arte, mas também para enfatizar a produção massiva de medicamentos e o impacto ambiental decorrente de seu descarte inadequado.



Como mencionado, a escolha das cores da bandeira brasileira e a alusão a eventos trágicos, reforçam a conexão entre o efêmero e as complexas realidades sociais e ambientais vivenciadas. Assim, ao transformar o banal em objeto de arte e discussão, esse novo desdobramento do tema no processo artístico pessoal, com a pesquisa das repetições, convida o espectador a uma consciência crítica e sustentável sobre o consumo e o descarte, evidenciando o poder da arte em proporcionar nova vida e significado ao ínfimo e banal que, de outra forma, poderia ser relegado ao esquecimento.

## Referências

BARBOSA, Aline. **Fármaco/Pictórico: Objetos comuns por um olhar estético contemporâneo**. Trabalho de Conclusão de Curso- Artes Visuais Bacharelado. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". In: Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CIXOUS, Hélène. "Le Rire de la Méduse". Em: L'Arc, n° 61, 1975.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A Pintura: textos essenciais: Vol. 13. Os gêneros pictóricos**. São Paulo: Editora 34, 2006.

Revistas da Uninter. (s.d.). O perfil da automedicação na sociedade brasileira. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/articloe/view/950/533>.